

NÃO HÁ CHINDIA OU BRIC

Henrique Raposo

FEDERICO RAMPINI
**China e Índia,
As Duas Grandes
Potências
Emergentes**

Lisboa,
Editorial Presença,
2007, 396 páginas

O realismo tornou-se incómodo para a maioria dos pensadores europeus. Mas em Itália ainda encontramos autores em sintonia com a velha frieza maquiavélica. Enquanto os profetas do costume afirmam que a Europa será líder no século XXI através do seu *poder transformativo*¹, que a Humanidade ainda tem de ser representada pela Europa², que existe um homem europeu com um lugar reservado na liderança do mundo³, que a Europa é a guardiã da consciência mundial⁴, os italianos Alberto Alesina e Francesco Giavazzi apontam as enormes fraquezas estruturais da Europa e não hesitam em afirmar que a Europa não tem peso estratégico no sistema⁵. Marta Dassù e Roberto Menotti reforçam essa evidência estrutural raramente mencionada pelos magos europeus: «Europe, for the first time in many centuries, is no longer the nexus of world politics.»⁶

O tema central do italiano Federico Rampini (correspondente do *La Repubblica* em Pequim) é precisamente este: o fim da centralidade do Ocidente, em geral, e da Europa, em particular. De forma simples, «acabou simplesmente a Era em que o

homem branco – uma pequena minoria no planeta – podia viver dos proventos da sua superioridade científica e tecnológica, industrial e militar» (p. 22). Convém lembrar que, em 2005, as economias em desenvolvimento (lideradas por Nova Deli e Pequim) passaram a produzir mais de 50 por cento do *output* mundial. E, recorde-se, a emergência indiana e chinesa é um regresso ao passado: até ao século XIX, a Índia e a China detinham as maiores economias mundiais⁷. Neste momento, Pequim e Nova Deli têm capacidade para impor mudanças nas regras e nos poderes dentro da economia global. Por isso, já se fala da necessidade de reformar o G-7. O «peso do Ocidente só pode diminuir» (p. 90) nas próximas décadas. No Ocidente, a China recebe a maior parte das atenções; a Índia tem sido largamente ignorada, sobretudo na Europa. Aliás, a Índia é a grande omissão das percepções europeias⁸. Convém colmatar este défice epistemológico em relação à Índia. É que estamos a falar do país que está a desviar «o centro de gravidade da indústria *high-tech*» «da Costa Oeste americana para a Ásia» (p. 31). Mais: na Índia, «já se vende

um milhão de automóveis por ano» (p. 34); os laboratórios de *software* «operam em ciclo contínuo, 24 horas sobre 24 horas» (p. 36); em meados dos anos 90, «um terço das *start-up* (empresas recém-nascidas) de alta tecnologia em Silicon Valley tinha sido fundado por empreendedores asiáticos, que, na sua maioria, eram indianos» (p. 38); «12 por cento dos cientistas de todas as faculdades dos EUA e até 36 por cento dos matemáticos da NASA são indianos» (p. 41); o «número de licenciados da Índia supera toda a população da França» (p. 65); 30 milhões de indianos (a população da Austrália) vão ao cinema todas as noites – Bollywood «produz 800 filmes por ano, mais do dobro da sua concorrente californiana» (p. 92). Poderíamos acrescentar que «30 a 40 milhões de pessoas estão a integrar a classe média todos os anos»⁹. Esta ascensão asiática afecta sobretudo a posição dos estados europeus. Segundo a Goldman Sachs, apenas os EUA e o Japão continuarão a pertencer ao grupo das sete maiores economias em 2050; a Índia será a terceira maior economia do mundo, atrás dos EUA e da China. Os tais BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) substituirão a França, a Itália, a Alemanha e o Reino Unido no topo da economia mundial¹⁰. Hoje, as quatro economias mais poderosas (em PPP) já não são europeias (EUA, China, Japão e Índia). Esta dinâmica asiática afecta os europeus por duas razões. (1) Ao recuperarem o seu antigo poder económico, China e Índia reduzem «as margens de manobra dos governos americanos e europeus» (p. 19). Ou seja, a ascensão asiática implica um declínio relativo dos europeus dentro da correla-

ção de forças do sistema. Um facto empírico inegável. (2) Neste novo cenário, os EUA são forçados a desviar a sua atenção do Atlântico para o Pacífico. Não por acaso, em 2006, o Departamento de Estado americano «transferiu centenas de diplomatas, redimensionando os órgãos das suas embaixadas europeias para reforçar as asiáticas» (p. 360). Ou seja, os europeus perdem poder de forma *directa* (têm efectivamente menos poder) e *indirecta* (perderam importância no radar estratégico da potência – ainda – hegemónica).

O objectivo central de *China e Índia* é alertar as adormecidas lentes analíticas europeias para esta emergência asiática e, sobretudo, para o conseqüente declínio relativo da Europa. Mais: comparando a abertura dos EUA em relação aos indianos com o proteccionismo e arrogância cultural da Europa em relação aos mesmos indianos (pp. 70-75), Rampini afirma que o futuro da Itália/Europa não é agradável (p. 376). E avisa: no século XV, a China fechou-se ao mundo quando começou a pensar que o mundo não tinha nada para lhe oferecer. A China pagou caro esse isolamento. Hoje, no momento em que a China recupera o seu lugar de destaque, «aquela lição não deve ser esquecida». É uma lição que diz respeito aos europeus no início do século XXI: se nós, europeus, nos retrairmos «perante a mudança que nos assusta» estaremos «a condenarmos à deriva» (p. 383).

Porém, apesar destas virtudes, *China e Índia* apresenta alguns erros, repete clichés e cai num excesso de dramatismo que convém evitar. Isto porque Rampini exagera na proporção do alerta que lança sobre a

dormência europeia. Rampini afirma que «a China e a Índia [...] são o novo centro do mundo, onde se vai decidir o futuro da humanidade» (p. 13). Ora, China e Índia são um dos centros do mundo e não o centro. Há que resistir à tentação de considerar o mundo euro-atlântico como irrelevante. Ao contrário do que diz Rampini, não é assim tão líquido que a América esteja condenada a ser ultrapassada pela Índia e pela China. E os europeus não vão, simplesmente, passar de uma absoluta centralidade para uma absoluta irrelevância. Até porque, apesar do sucesso económico, a Índia e a China têm sérios problemas estruturais que continuarão a atrasar a sua evolução¹¹. Ou seja, estamos a caminhar para uma situação de equilíbrio entre o espaço atlântico e as potências asiáticas e não para uma situação de predomínio absoluto dos asiáticos. Como salientou John Darwin, a «grande divergência» ao nível do poder económico entre o espaço euro-atlântico e os poderes asiáticos (construída sobretudo nos séculos XIX e XX) está a dar lugar a uma «grande convergência»¹² que restaurará o antigo equilíbrio entre ocidentais e asiáticos que existiu até meados do século XVIII.

Depois, Rampini cai na tentação de fundir Índia e China no mesmo conceito – *Chindia* (título original é *L'Impero di Cindia*). A utilização deste termo acarreta dois problemas. (1) O conceito *Chindia* transmite uma ideia de unidade estratégica que não existe. Aliás, a China e a Índia são dois rivais estratégicos¹³. Numa lógica exclusivamente económica, Rampini afirma que existe uma *Chindia* (economias emergentes) a navegar contra EUA-Japão-Europa

(economias hegemónicas). Mas se usarmos uma lente estratégica e política ficamos a saber que a emergência chinesa é um factor de preocupação comum a Washington, Tóquio e Nova Deli. Não há *Chindia* porque (a) Pequim e Nova Deli são rivais e (b) porque a Índia tem mais em comum com as democracias transpacíficas do que com a China. (2) *Chindia* é uma ficção económica/estrutural que Rampini concebe para simplificar uma realidade política complexa e plural. Rampini deixa-se encantar pelas quantidades faraónicas ao nível da demografia e economia («são três mil e quinhentos milhões», p. 13), esquecendo, assim, as variáveis políticas e qualitativas. Rampini, no fundo, cede à velha tentação eurocêntrica de simplificar a complexidade política oriental. No passado, este eurocentrismo falava em *Oriente*; hoje fala-se em *Chindia*¹⁴. Mas o resultado é o mesmo: os europeus continuam a fazer uma caricatura apolítica da complexidade política dos asiáticos.

O termo *Chindia* acaba por ser um anexo de outro termo apolítico que começa a dominar o debate internacional: BRIC. De forma errónea, BRIC coloca na mesma prateleira económica vários estados com regimes políticos distintos (dois regimes autoritários – Rússia e China – e dois regimes demoliberais – Brasil e Índia). E é a Índia que mais sofre com esta superficialidade analítica. É que a República Federal indiana, antes de representar um PIB emergente, simboliza a «preservation of democratic rule in a poor country of 1.1 billion people»¹⁵. China e Índia estão próximas geograficamente e comportam duas economias emergentes, mas há uma vas-

tidão política que as separa. Nova Deli e Pequim representam civilizações diferentes, regimes políticos diferentes e até duas maneiras diferentes de encarar a globalização¹⁶. A Índia é uma *democracia liberal*. A China é um regime *autoritário* (com um passado *totalitário*). E é como *democracia liberal* (e não como BRIC) que a Índia actua no sistema interestatal. Como salienta Dinshaw Mistry, «Politics – rather than just economic and material capabilities which are stressed by economic and business analysts – are crucial to India’s power prospects»¹⁷. Rampini aponta o facto de estarmos perante dois regimes diferentes (*democracia indiana vs. autocracia chinesa*), descreve o «milagre do voto» (pp. 55-58) e o clima de tolerância indianos (pp. 45-55, 59-63), e chega mesmo a salientar a importância do sucesso democrático indiano no sentido de mostrar que o modelo autoritário chinês não é a única via para o crescimento (pp. 18 e 69-70). Porém, Rampini acaba por secundarizar estes pontos *qualitativos* quando cai na tentação *quantitativa* da Chindia.

Em suma, Rampini afirma que a Índia e a China revolucionam as estruturas de poder do sistema e que, por isso, colocam em causa a hegemonia dos ocidentais. Até aqui tudo bem. O problema surge quando Rampini não percebe que Pequim e Nova Deli agitam o Ocidente de forma diferente. Se a China é um desafio ao nível do poder estrutural/económico, a Índia é um desa-

fio ao nível da legitimidade. A Índia, além do *poder* gerado pelo capitalismo, tem uma *legitimidade* gerada pela *democracia liberal*. Como salienta Sunil Khilnani: «India’s place in the world will ultimately depend on something more than economic growth: its ability to nurture internal diversity and pluralism through the structures of liberal constitutional democracy. From the first, economics, stems power; from the stems legitimacy.»¹⁸

A Índia tem tanta legitimidade democrática e liberal como qualquer *democracia ocidental*. É insuficiente dizer que a Índia é uma *economia/poder emergente* (BRIC e Chindia são termos para as consultoras financeiras e não para a ciência política). A Índia é, isso sim, «a rising democratic power»¹⁹. E é como Grande Poder democrático que a Índia se transformou numa das prioridades da política de alianças dos EUA. E é na qualidade de Grande Poder democrático que Nova Deli faz parte daquele que já é considerado o pilar *informal* do mundo transpacífico: o QUAD, o silencioso e não mediático concerto de democracias transpacíficas (EUA, Índia, Japão e Austrália)²⁰. Obviamente, as lentes económicas de Rampini – só preocupadas com o ruído dos PIB – nunca captariam estes silêncios políticos.

Rampini merece créditos pela frieza realista que demonstra em relação ao declínio europeu, mas revela a típica incapacidade eurocêntrica para abordar a política dos estados não-atlânticos. **RJ**

NOTAS

- 1 Cf. LEONARD, Mark – *Século XXI, a Europa em Mudança*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- 2 Cf. BAUMAN, Zygmunt – *Europa: Uma Aventura Inacabada*. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.
- 3 Cf. SEMPRÚN, Jorge, e VILLEPIN, Dominique de – *L'Homme Européen*. Paris: Plon.
- 4 Cf. HABERMAS, Jürgen, e DERRIDA, Jacques – «February 15, or, What Binds Europeans Together: Plea for a Common Foreign Policy, Beginning in Core Europe». In LEVY, Daniel, PENSKY, Max, e TORPEY, John (eds.) – *Old Europe, New Europe, Core Europe*, Nova York: Verso, 2005, pp. 3-13.
- 5 Cf. ALESINA, Alberto, e GIAVAZZI, Francesco – *O Futuro da Europa: Reforma ou Declínio*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- 6 DASSÚ, Marta, e MENOTTI, Roberto – «Europe and America in the Age of Bush». In *Survival*, 47, 1, Primavera de 2005, p. 105.
- 7 Cf. WOODALL, Pam – «The New Titans – a survey of the world economy». In *The Economist*, 16 de Setembro de 2006; «Coming of Age» e «Climbing Back». In *The Economist*, 19 de Janeiro de 2006.
- 8 Cf. SHESHABALAYA, Ashutosh – *Made in India*. Lisboa: Centro Atlântico, 2006.
- 9 VARMA, Pavan K. – *A Índia no Século XXI*. Lisboa: Presença, 2006, p. 223.
- 10 Cf. PURUSHOTHAMAN, Roopa, e WILSON, Dominic – «Dreaming with BRICs: the Path to 2050», Global Economics Paper #99, Goldman Sachs, 1 de Outubro de 2003; disponível em <http://www2.goldmansachs.com/insight/research/reports/99.pdf>.
- 11 Cf. BARDHAN, Pranab – «Crouching Tiger, Lumbering Elephant? The Rise of China and India in a Comparative Economic Perspective». In *Brown Journal of World Affairs*, XIII, 1, Outono-Inverno de 2006.
- 12 DARWIN, John – *After Tamerlane*. Londres: Allen Lane, 2007, p. 504.
- 13 Sobre a rivalidade estratégica entre Pequim e Nova Deli, cf. CHELLANEY, Brahma – «Imperial China». In *Hindustan Times*, 29 de Outubro de 2006; GARVER, John W. – «The Security Dilemma in Sino-Indian Relations». In *India Review*, 1, 4, Outubro de 2002, pp. 1-38; Christopher Griffin, «Containment with Chinese Characteristics: Beijing Hedges against the Rise of India». In AEI, *Asian Outlook*, 3, Setembro de 2006.
- 14 O termo *Chindia* já é usado de forma corrente. Cf., por exemplo, PRESTOWITZ, Clyde – «'Chindia' tilts the playing field». In *Current History*, 105, 690, Abril de 2006, pp. 147-148; DOWLING, Bob – «The Rise of Chindia». In *Business Week*, 22 de Agosto de 2005.
- 15 LONG, Simon – «India's Hour». In *The World in 2006*, The Economist, p. 65.
- 16 Cf. SHARMA, Shalendra D. – «Asia's Challenged Giants». In *Current History*, 105, 690, Abril de 2005, pp. 170-175.
- 17 MISTRY, Dinshaw – «A Theoretical and Empirical Assessment of India as an Emerging Power». In *India Review*, 3, 1, Janeiro de 2004, p. 81.
- 18 KHILNANI, Sunil – «India as a Bridging Power». In *India as a New Global Leader*. Londres: The Foreign Policy Centre, 2005, p. 12.
- 19 RICE, Condoleezza – «Our Opportunity with India». In *Washington Post*, 13 de Março de 2006, A15.
- 20 Cf. CHELLANEY, Brahma – «'Quad Initiative': an inharmonious concert of democracies». In *Japan Times*, 19 de Julho de 2007.